

# **Goiânia, cidade nova, patrimônio recente: a arquitetura residencial como elemento da paisagem do núcleo Pioneiro.**

*Goiânia, new city, recent heritage: residential architecture as a pioneering Core landscape element*

*Goiânia, ciudad nueva, patrimonio reciente: la arquitectura residencial como elemento del paisaje del núcleo pionero*



**Eline Maria Mora Pereira Caixeta**

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil, eline.caixeta@ufg.br



**Dafne Marques de Mendonça**

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Goiânia, Goiás, Brasil, dafne.mendonca@iphan.gov.br



**Livia Maria Pereira da Silva Moreira**

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil, liviamaria@ufg.br



**Julia Macedo Monteiro del Castillo**

Secretaria da Economia do Estado, Goiânia, Goiás, Brasil, juliamdelcastilho@gmail.com



**Danielle Radis Alves**

Goiânia, Goiás, Brasil, daniradis.arq@gmail.com

## **Resumo**

Goiânia (1933-34) enquadra-se no hall de Cidades Novas, projetadas como expressão de modernidade no interior do Brasil. A paisagem do seu núcleo pioneiro é pontuada por uma diversidade de arquiteturas que se inspiram nas tendências em voga na primeira metade do século XX; formando uma identidade arquitetônica multifacetada e híbrida, dentro da aparente rigidez de seu traçado urbano. Desde sua origem, a cidade tem sido palco de representações que contribuem para a reconstrução de significados na configuração da sua paisagem, assumindo a tendência antropofágica, modernizante, que não valoriza a história. Tal fato refletiu diretamente sobre a preservação de seu conjunto urbano, pela falta de reconhecimento de um patrimônio, ainda recente, por parte da população e das esferas administrativas. Compreende-se

que o patrimônio residencial de uma cidade é aquele que mais se aproxima da sociedade, sua história e memória, por estar mais diretamente ligado ao seu cotidiano e às formas de habitar o espaço edificado e urbano. O artigo relata a experiência da parceria entre a UFG e o IPHAN-GO, com recursos provenientes do Ministério Público do Estado de Goiás, que busca identificar e caracterizar o patrimônio residencial da fase inicial de Goiânia e sua contribuição na construção de uma paisagem representativa para a cidade. A metodologia, desenvolvida ao longo da experiência vivida, compõe pesquisas bibliográficas, icnográficas, iconográficas, geoprocessamento e levantamentos em campo, envolvendo derivas de apreensão do lugar e da paisagem, leitura da morfologia urbana e contato com moradores. Nesse processo, foram agregadas oficinas de capacitação no sentido de ampliar o escopo do trabalho à esfera da educação patrimonial. Este é um trabalho pioneiro, que incorpora a diversidade de linguagens contidas na paisagem urbana da cidade, aspecto ainda pouco assimilado, especialmente no que se refere à sua valorização. Almeja-se com isso, aproximar a sociedade ao patrimônio arquitetônico local e estabelecer diretrizes para sua preservação.

**Palavras-chave:** Cidade e Memória; Inventário; Residências Históricas; Paisagem Urbana; Goiânia.

### **Abstract**

*Goiânia (1933-34) fits into the hall of New Cities, designed as an expression of modernity in the interior of Brazil. The landscape of its pioneering core is punctuated by a diversity of architectures that are inspired by the trends in vogue in the first half of the twentieth century; forming a multifaceted and hybrid architectural identity, within the apparent rigidity of its urban layout. Since its inception, the city has been the scene of representations that contribute to the reconstruction of meanings in the configuration of its landscape, assuming the anthropophagic and modernizing tendency that does not value history. This fact reflected directly on the preservation of its urban complex, due to the lack of recognition of a heritage, still recent, by the population and the administrative spheres. It is understood that the residential heritage of a city is the one that comes closest to society, its history and memory, because it is more directly linked to its daily life and the ways of inhabiting the built and urban space. The article reports the experience of the partnership between UFG and IPHAN-GO, with resources from the Goiás State Public Prosecutor's Office, which seeks to identify and characterize the residential heritage of the initial phase of Goiânia and its contribution to the construction of a representative landscape for the city. The methodology, developed along the lived experience, comprises bibliographic, icnographic, iconographic research, geoprocessing and field surveys, involving drift of apprehension of place and landscape, reading of urban morphology and contact with residents. In this process, training workshops were added to broaden the scope of work to the sphere of herita-*

*ge education. This is a pioneering work that incorporates the diversity of languages contained in the urban landscape of the city, an aspect that has not yet been assimilated, especially regarding its valorization. The aim is to bring society closer to the local architectural heritage and establish guidelines for its preservation.*

**Keywords:** *City and Memory; Inventory; Historical Residences; Urban Landscape; Goiania.*

## GOIÂNIA, CIDADE NOVA, PATRIMÔNIO RECENTE

Planejada inicialmente para 50.000 habitantes, assumindo a condição de capital do Estado de Goiás, Goiânia hoje possui cerca de um milhão e quatrocentos mil habitantes. O projeto do seu núcleo inicial foi desenvolvido por Atílio Corrêa Lima, de 1933 a 1935, e na sequência, por Armando Augusto de Godoy, de 1936 a 1938 (Ilustrações 1 e 2); tendo como base de sustentação, uma “proposta urbana pendular”, apoiada “tanto nas formulações do movimento City Beautiful e da escola francesa de ‘Urbanismo Científico’, quanto no ideal inglês de Cidade Jardim, na variante do subúrbio norte-americano” (FROTA; CAIXETA, 2012, p.1-9).



Ilustração 1 – Plano de Atílio Corrêa Lima, 1933 e 1935.

Fonte: Gerência de Documentação, Cartografia e Topografia da SEPLANH



Ilustração 2 – O plano definitivo do núcleo inicial da cidade, com a proposta de Armando de Godoy para o Setor Sul, 1938.

Fonte: ALVARES, 1942, p 153.

A cidade projetada caracteriza-se, em linhas gerais, pela criação de grandes extensões de áreas verdes e por um sistema viário racionalista determinado pelo zoneamento, pela topografia do terreno e pelo dimensionamento de vias. Seu tecido urbano, configurado por largas avenidas arborizadas e edificações com no máximo quatro pavimentos, entre as quais se incluem os edifícios institucionais e representativos, encontra-se na dicotomia entre a escala do doméstico e do monumental.

O Setor Central configura-se por um traçado, em forma de grelha, que se contrapõe a uma rede de rotatórias e diagonais, que tem origem em uma praça central, denominada e caracterizada como “Praça Cívica”, composta por edifícios públicos, monumentos e jardins. As principais avenidas que estruturam seu traçado urbano, junto à esta praça, formam um desenho característico da Escola Francesa de Urbanismo. As quadras são tradicionais e conferem o caráter de “rua corredor” ao sistema viário, com a peculiaridade da inserção de ruas e áreas internas – de serviço – localizadas em algumas das quadras.

Já o Setor Sul apresenta um traçado composto por ruas sinuosas, algumas delas em cul-de-sac, associadas a avenidas radiais que convergem para uma praça central. As quadras, irregulares, apresentam grandes áreas verdes destinadas ao lazer e ao convívio social entre os moradores. Interligadas por ruas de pedestres, estas áreas criam uma espécie de parque público contínuo.

Como resultado do espaço construído ao longo das primeiras décadas de formação da cidade, predomina o ritmo e a volumetria das edificações ainda em uma escala doméstica, associadas às massas de vegetação, configurando uma paisagem modesta e aprazível, mais próxima àquela almejada nas propostas da Cidade Jardim, que do monumentalismo encontrado nos princípios do movimento City Beautiful e da escola francesa de “Urbanismo Científico”. (Ilustração 3)



Ilustração 3 – Rua 7 e Casas Tipo construídas pelo Estado, Setor Central, década de 1940.

Fonte: Gerência de Documentação, Cartografia e Topografia da SEPLANH.

Boa parte da arquitetura do núcleo inicial da cidade nasce no ecletismo e no racionalismo pragmático, que algumas vezes se aproximam da estética Déco e Modernista. A partir da década de 1950, a arquitetura Modernista edifica suas primeiras obras em Goiânia. Seu desenvolvimento aconteceu timidamente, até o período da construção de Brasília, quando ela recebe a imigração de arquitetos e engenheiros, num primeiro momento oriundos do Rio de Janeiro e de São Paulo, e posteriormente de Belo Horizonte e Brasília.

Como parte relevante do tecido urbano, essa arquitetura –multifacetada e híbrida– ratifica a identidade igualmente mestiça de seus espaços urbanos, o que acaba por configurar-se como maior valor deste patrimônio, ainda recente.

O processo de destruição e descaracterização deste patrimônio, iniciou-se já na década de 1960, com a verticalização do Setor Central, que passou por um esvaziamento e deterioração, a partir do final dos anos 1970 e início dos 1980 (VAZ, 20017, p.1-22). O mesmo ocorreu em relação ao Setor Sul que, embora preservado da verticalização que sofreram outros bairros residenciais da cidade, foi e ainda é vítima do processo de marginalização de suas áreas livres.

Ao longo das duas últimas décadas, o patrimônio edificado de Goiânia vem se depauperando gradativamente. Fato esse, acelerado a partir do último plano diretor (2006), que libera a verticalização de toda a área urbanizada, em nome do modelo de “cidade compacta” que supostamente viria racionalizar os investimentos em infraestrutura, melhorando a qualidade de vida, mas que, na realidade, expressa o domínio da especulação imobiliária sobre os interesses públicos. Da mesma forma, seu patrimônio ambiental e urbano, relacionado tanto aos parques e às zonas de proteção ambiental, quanto à arborização das ruas, avenidas e praças, que até então imprimiam uma identidade verde para a cidade<sup>1</sup>, vem sendo igualmente depauperado.

Algumas experiências de retomada do Setor Central foram realizadas a partir da década de 1990, porém sem sucesso: Projeto Goiânia 21 - Operação Centro (1998); Reconsideración del Sector Histórico de Goiânia (2000) e Gecentro (2004). Em 2002, esta área foi alvo de um processo de tombamento Federal. O processo, conduzido pelo IPHAN, tombou um conjunto de 22 elementos e prédios públicos considerados representativos do art déco na cidade (LIMA FILHO; MACHADO, p. 246-247), além do traçado proposto por Attílio Corrêa Lima. Neste mesmo período, o traçado original do Plano de 1938, que compreende os setores Central, Norte e Sul da cidade, foi igualmente tombado por legislação municipal (AMARAL, 2015, p. 48). Ações pontuais de apropriação e ressignificação de espaços urbanos e edificados obsoletos, localizados nos setores Central e Sul, ocorrem ainda timidamente em Goiânia<sup>2</sup>, faltando ainda

1 Sobre a identidade verde de Goiânia, na década de 1980, ver Graeff (1985).

2 Recentemente, ações de associações de moradores e coletivos urbanos, vêm empreendendo intervenções artísticas nas vielas de serviço das quadras do centro da cidade e nas áreas verdes das quadras do Setor Sul.

um longo caminho a percorrer no sentido da utilização plena do potencial urbanístico destes espaços.

A experiência de Goiânia tem demonstrado que a preservação do traçado sem os demais elementos configuradores do espaço urbano, bem como a preservação de alguns edifícios sem levar em conta o conjunto arquitetônico e urbano do qual fazem parte, tem sido ineficiente. Faltam ações mais eficazes, atreladas a políticas públicas continuadas, ações de educação patrimonial e projetos urbanos que tratem a questão em seu conjunto; além de instrumentos adequados para abordar tal problema, que no caso das “Cidades Novas”<sup>3</sup>, assume particularidades.

Hoje com 86 anos de vida, podemos considerar Goiânia como uma metrópole que, em seu processo de crescimento, assumiu a tendência antropofágica modernizante de auto renovação constante que não valoriza a história. A ritmo frenético das transformações pelas quais ela tem passado, desde sua construção na década de trinta até os dias de hoje, tem marcado fortemente sua paisagem. Uma paisagem na qual se vêm suprimidos, rapidamente, importantes eventos que contam sua história. Eventos estes, que sequer tiveram o “tempo” necessário para criar vínculos de memória. A velocidade, principal característica da modernidade, está impregnada em sua história e este tem sido o grande desafio para aqueles que lidam com o patrimônio recente. O crescimento rápido e difuso de cidades, como Goiânia, aliado à falta de vínculos memória com seus moradores, dificulta o trabalho dos órgãos de preservação, que se vêm despreparados para lidar com este problema.

A falta de conhecimento e reconhecimento desse patrimônio por parte da sociedade é o principal entrave para a sua conservação e preservação. Neste contexto, estratégias de reconhecimento e de aproximação com a sociedade contidas no processo de inventário<sup>4</sup>, somadas a ações educativas, aponta-se como rico caminho a ser explorado.

Pautado por esta perspectiva, o trabalho desenvolvido pela UFG, em parceria com o IPHAN-GO, busca identificar, caracterizar e valorar o patrimônio residencial da fase inicial da cidade, como importante elemento de construção de sua “paisagem urbana histórica”<sup>5</sup>, tendo em vista que a paisagem é uma interpretação. Não é o que se vê, mas como se vê. Ela vai além dos limites físicos. É o resultado de camadas de

3 Conforme Trevisan (2009), Cidades Novas são aquelas cidades construídas com a intenção de constituírem-se como urbes inovadoras e dinâmicas dentro de seus respectivos contextos, no sentido de compor um novo território de ocupação e modernização de um país. De um modo geral, elas caracterizam-se pelo planejamento e implantação fora de áreas urbanizadas, almejando o desenvolvimento de regiões pioneiras, por razões políticas de interiorização.

4 As ações de inventário, hoje, não se restringem à catalogação de bens identificados, estendendo-se a uma ação capaz de incentivar o diálogo, estimular a reflexão, a pesquisa e a proteção dos bens patrimoniais. A complexidade deste trabalho no campo da arquitetura envolve a identificação de seus vínculos com o contexto urbano e as práticas sociais e exige uma ação interdisciplinar e interinstitucional, que relaciona diferentes atores.

5 “A paisagem urbana histórica é a área urbana compreendida como o resultado de uma estratificação histórica dos valores e atributos culturais e naturais, que se estende além da noção de “centro histórico” ou “ensemble” para incluir o contexto urbano mais amplo e a sua localização geográfica”. (UNESCO, 2011)

significados, necessários à sua preservação. Compreende-se que o patrimônio residencial é aquele que mais se aproxima da sociedade, sua história e memória, por estar mais diretamente ligado ao seu cotidiano e às formas de habitar o espaço edificado e urbano, sendo um excelente meio de interpretação dos significados latentes na paisagem e, conseqüentemente, de sensibilização para conservação e preservação de seu patrimônio edificado.

## **Arquitetura Residencial e Paisagem do Núcleo Pioneiro**

A experiência aqui relatada, tem como projeto âncora a pesquisa “Reconstruindo Documentações: Narrativas e Caminhos do Projeto Moderno em Goiânia”, refere-se à parceria entre UFG e IPHAN-GO, com apoio financeiro do Ministério Público de Goiás (MPGO), a partir do Termo de Referência “Inventário de Arquitetura Moderna em Goiânia/GO”, que faz parte do Acordo de Cooperação Técnica entre UFG e IPHAN-GO, firmado em 2015. Este Termo teve como objetivo formar equipe técnica para dar continuidade às ações de identificação e inventário do conjunto de bens residenciais que conformam o patrimônio arquitetônico moderno existente nos primeiros bairros de Goiânia, sendo eles: o Setor Central, o Setor Sul, o Setor Aeroporto e o Setor Oeste. O IPHAN, como órgão detentor de conhecimento específico sobre o tema e responsável pela metodologia de inventário empregada, participa como orientador dos trabalhos. Os resultados deste acordo visam fornecer informações que subsidiem tanto os trabalhos do IPHAN-GO, quanto do Ministério Público do Estado de Goiás e das demais esferas de proteção do patrimônio local, além de possibilitar a produção de conhecimento e documentação, fomentando o uso do Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão do IPHAN, em nível nacional.

## **Metodologia e Dinâmica da Pesquisa**

O trabalho iniciou com a identificação de bens de interesse construídos entre as décadas de 1930 a 1970 nos primeiros bairros de Goiânia. Essa varredura iniciada em pesquisas anteriores ganhou volume a partir da formação de uma equipe interdisciplinar e interinstitucional de pesquisa, envolvendo a UFG, o IPHAN-GO e o Governo do Estado, com a participação de profissionais de arquitetura e de geografia e alunos



do curso de graduação em arquitetura e urbanismo da UFG<sup>6</sup>.

Diante dos 306 bens identificados foi preciso desenvolver uma metodologia de seleção de residências a serem inventariadas individualmente; e de análise da formação de conjuntos em sua paisagem. Os dados fomentados foram espacializados e sistematizados em mapas e banco de dados, a fim de possibilitar a construção de uma metodologia concreta e de possível aplicação em cidades de realidade semelhantes.

A fundamentação teórica deu-se em paralelo, embasando as decisões de classificação da linguagem arquitetônica dos bens. As linguagens encontradas foram: 1) Casas-tipo, entre as quais se incluem as casas construídas pelo Governo do estado de Goiás e casas construídas por particulares que apresentavam padrões construtivos-formais e espaciais semelhantes aos utilizados pelo governo; 2) Casas ecléticas, entre as quais se incluem as casas em estilo missões, normando e neocolonial e as casas que adotam um sincretismo de linguagens, denominado de eclético sintético; e as 3) Casas modernas, divididas entre: casas déco, casas modernistas, casas modernistas de transição e casas brutalistas. Além dessa classificação, foi realizada uma busca em arquivos históricos por documentos iconográficos e icnográficos de alguns bens, a fim de subsidiar o entendimento da concepção das residências. (Ver Ilustrações 4 a 9, exemplos de classificação das residências por linguagem).



Ilustração 4 – Casa Tipo, Setor Central, Goiânia, 2016.

Foto: Equipe da Pesquisa

Fonte: LAU/FAV/UFG; IPHAN/GO.



Ilustração 5 – Casa Eclética Sintética - Neocolonial, Setor Central, Goiânia, 2016.

Foto: Equipe da Pesquisa

Fonte: LAU/FAV/UFG; IPHAN/GO.

6 Equipe de trabalho do Projeto - Eline Maria Mora Pereira Caixeta (coordenadora), Dafne Marques de Mendonça (IPHAN/GO). Arquitetos: Danielle Radis Alves, Elana da Silva Romualdo, Guilherme de Andrade Bento, José Artur D'Aló Frota, Julia Macedo Monteiro, Lívia Maria Pereira da Silva Moreira, Márcia Guerrante Tavares, Marília Pereira Santos, Mayra de Paula Nascimento Almeida, Renata Lima Barros, Rosângela Furtado MacDowell, Simone Borges C. de Oliveira. Geógrafos: Bruno Magnum Pereira, Juheina Lacerda R. Viana, Wilson Mendonça Lopes. Acadêmicos: Aline Izabella de O. Lopes, Amanda Karolyne Sousa, Ana Carla Paiva, Eduarda Vinhadelli, Gabrielle Ribeiro Costa, Guilherme Ferreira, Laís Oliveira, Maryan S. A. Nascimento e Roberto Cociello Neto.



Ilustração 6 – Casa Eclética Tipológica – Missões, Setor Central, Goiânia, 2016.

Foto: Danielle Radis.

Fonte: LAU/FAV/UFG; IPHAN/GO.



Ilustração 7 – Casa Modernista de Transição, Setor Central, Goiânia, 2015.

Foto: Oficina de Inventários.

Fonte: LAU/FAV/UFG; IPHAN/GO.



Ilustração 8 – Casa Modernista, Setor Central, Goiânia, 2016.

Foto: Equipe da Pesquisa.

Fonte: LAU/FAV/UFG; IPHAN/GO.



Ilustração 9 – Casa Moderna - Brutalista, Setor Oeste, Goiânia, 2016.

Foto: Equipe da Pesquisa.

Fonte: LAU/FAV/UFG; IPHAN/GO.

Para o cadastro de residências, a partir da metodologia SICG-IPHAN, foram adotadas as fichas modelos M301, M302 e M303, quando se trata do bem individual e as fichas M1.01 e M1.02, quando da análise e caracterização do conjunto arquitetônico. O grupo de residências inicialmente cadastradas veio de uma base de dados anteriores já existentes, como pesquisas e listagens em órgãos públicos locais, pesquisa histórica, além de levantamentos em campo e uma oficina de capacitação, realizados em 2015. No entanto, no decorrer do trabalho, observou-se que o grupo de residências identificadas não compreendia o total de residências existentes nas regiões de estudo, por esse motivo, deu-se início à novas derivas de identificação de mais bens de interesse para a pesquisa em três bairros pioneiros na formação da cidade: Setores Central, Sul e Oeste. Essas residências foram mapeadas e sistematizadas no banco de dados. Para o trabalho em campo, os bairros foram divididos em dezessete regiões (Ilustração 10).

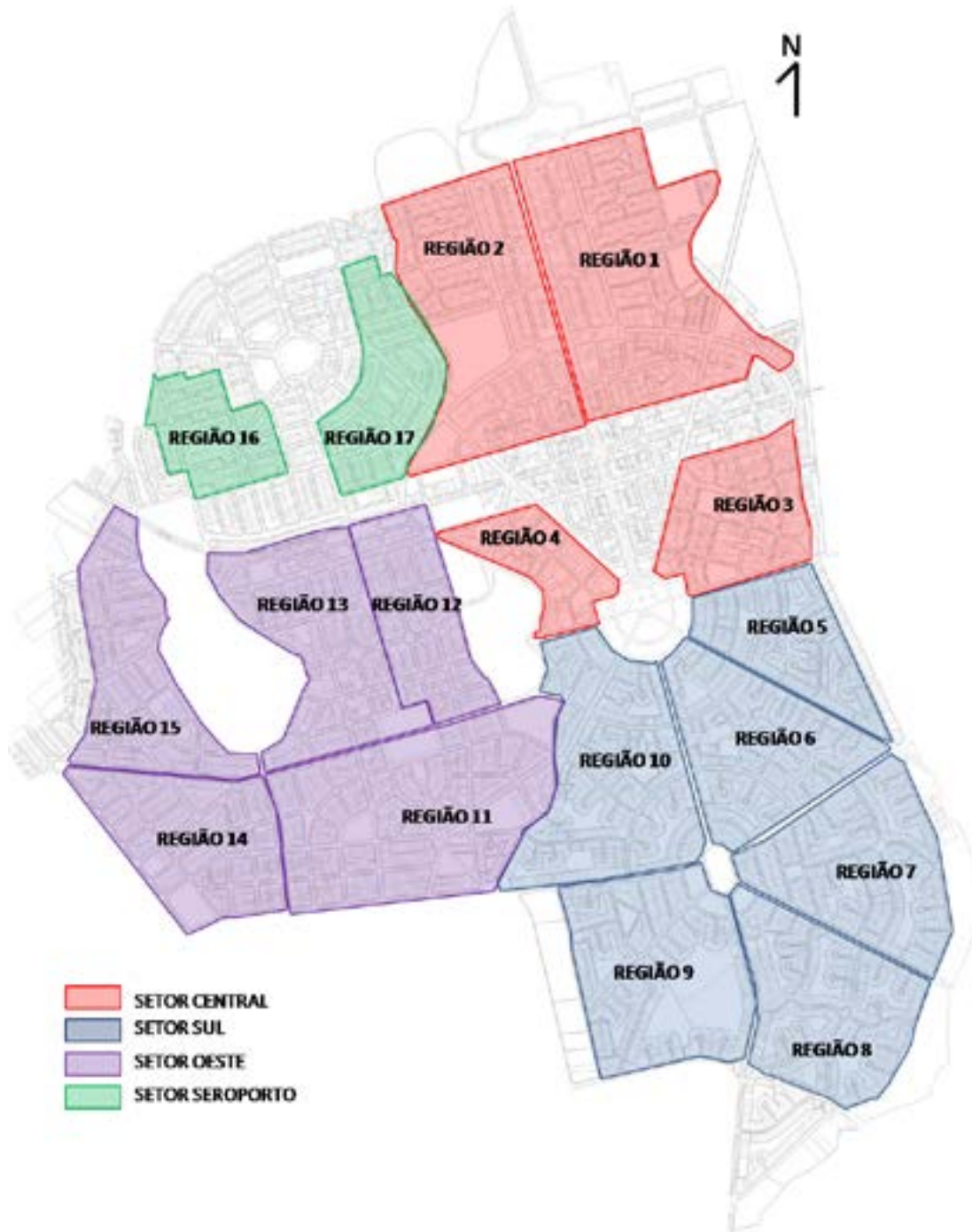


Ilustração 10 – Divisão Regiões por Setor: Núcleo Pioneiro de Goiânia, fevereiro de 2016.

Autor: Wilson Lopes.

Fonte: LAU/FAV/UFG; IPHAN/GO.

Após as derivas realizadas o montante de casas aumentou em mais de 50%, quantitativo significativo, que influenciou principalmente a análise da paisagem histórica da cidade, bem como na identificação dos conjuntos.

Com a espacialização e o geoprocessamento de dados, foi possível identificar a formação de conjuntos de residências por adensamento (Ilustração 11). Nestes, foi

realizada a análise da paisagem, da ambiência e da alteração morfológica, que subsidiou o preenchimento das fichas M101 e M102.

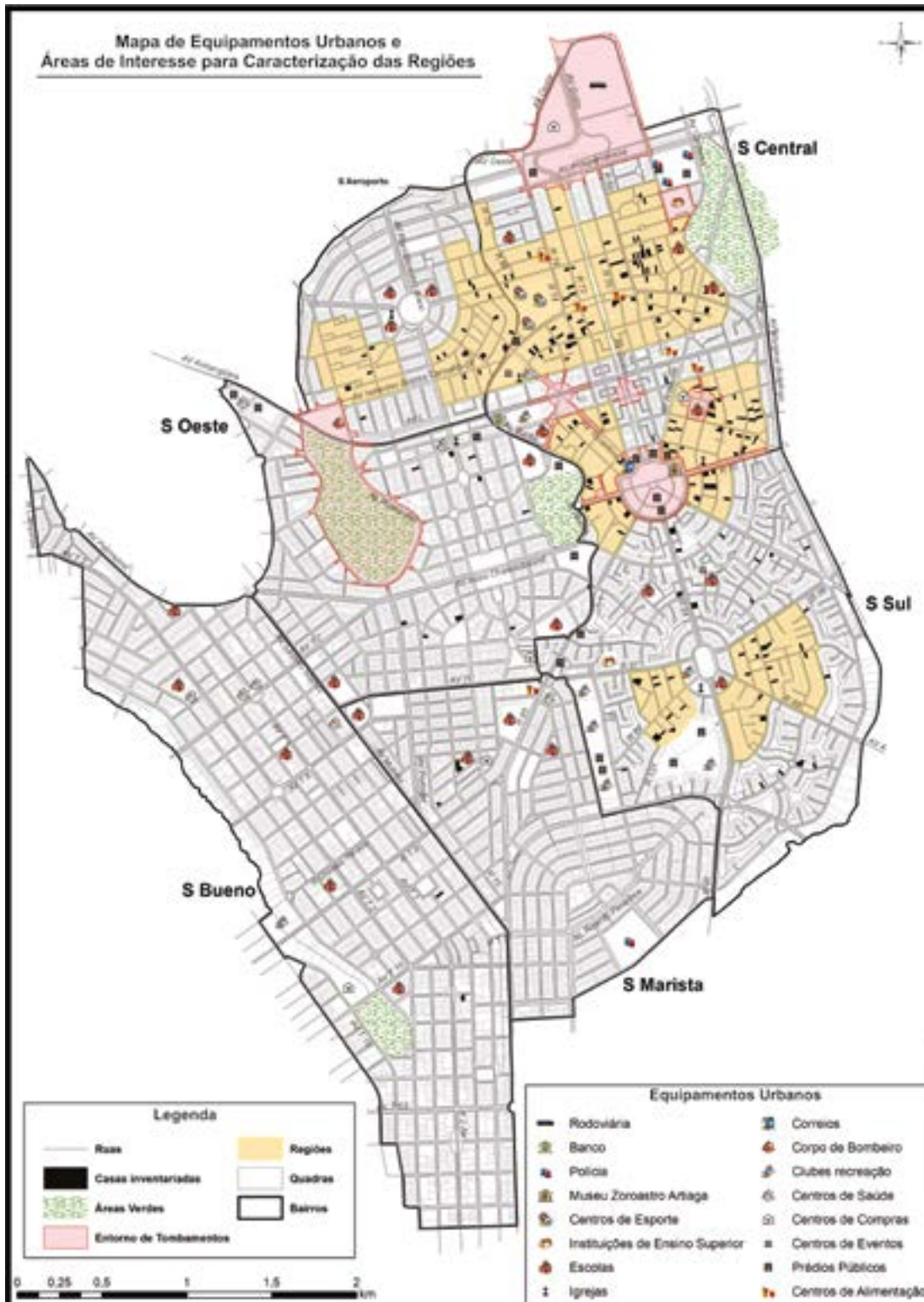


Ilustração 11 – Mapa de Equipamentos Urbanos e Áreas de Interesse para a Caracterização das Regiões: Setores Central, Sul, Aeroporto, Oeste, Bueno e Marista, agosto de 2016.

Autor: Wilson Lopes. Fonte: LAU/FAV/UFG; IPHAN/GO.

O banco de dados criado a partir das fichas M3 e M1, permitiu a criação de mapas temáticos que contribuem para a análise dos conjuntos arquitetônicos e bem isolados. Isso possibilitou a caracterização dos mesmos, identificando os contextos preservados, com potencial para degradação, degradados e bens isolados de relevância arquitetônica.

## INVENTÁRIO INDIVIDUAL DE RESIDÊNCIAS

A metodologia de seleção para o inventário individual considerou os critérios de conservação, preservação (atributos da ficha M3.01) e densidade (fruto da espacialização), atribuindo peso de até 1 para o estado de conservação e de até 2 para os demais. Com os dados mensurados, as casas foram pré-selecionadas. Dando prosseguimento, inseriu-se a essa seleção o valor arquitetônico, que foi considerado a fim de filtrar e possibilitar um quantitativo razoável e passível de ser visitado. A partir dessa seleção estabeleceu-se um percentual de fichas a serem preenchidas, conforme a linguagem arquitetônica.

Para o preenchimento das fichas M3.02 e M3.03 é necessário o acesso interno à residência com consentimento por escrito do proprietário. Pensando nisso, desenvolveu-se um panfleto educativo que visa informar sobre a importância do tema, além de preparar o morador para o primeiro contato com os pesquisadores (Ilustração 12). O mesmo é entregue no primeiro acesso ou depositado em sua caixa de correio, quando da impossibilidade de atendimento. As fichas preenchidas, servem como amostragem de residências relevantes dentro de sua linguagem arquitetônica.



Ilustração 12 – Panfleto educativo e de sensibilização apresentado aos moradores das residências, abril de 2016. Autores: Roberto Cocciello e José Artur D. Frota

Fonte: LAU/FAV/UFG; IPHAN/GO.

Como são edifícios selecionados pela representatividade individual, o inventário contribui para o entendimento mais pormenorizado do bem em suas características formadoras e essenciais. O preenchimento das fichas demandou a realização do levantamento arquitetônico e fotográfico, visando responder aos seguintes atributos: 1) Ficha M3.01 – características gerais que identificam a linguagem arquitetônica, estado de preservação e conservação e existência de bens integrados; Ficha M3.02 - croqui da planta de situação, croqui de planta de implantação, croqui de fachadas, breve descrição arquitetônica, apanhado geral dos materiais construtivos; 2) Ficha M3.03 - croqui de planta baixa, detalhe de todos os ambientes da casa especificando os materiais construtivos dos pisos, paredes e forros e inserção de imagens do interior da residência e detalhes de materiais.

### **Leitura da Paisagem**

A leitura da paisagem foi realizada no sentido de auxiliar na definição e caracterização dos conjuntos e dos bens isolados, pois percebeu-se que ela não poderia ser feita de forma superficial –baseada unicamente pelo adensamento das residências–, pelo fato da visão macro de um mapa por adensamento não ser suficiente para avaliar a complexidade de elementos que envolvem os conjuntos e o contexto onde se inserem os bens. Para a realização dessa leitura delimitou-se os trechos de análise, bem como os percursos, a partir do mapa de adensamento (Ilustração 13), no qual estão contidas todas as residências cadastradas no projeto.

A análise da paisagem foi iniciada no Setor Central, pois é onde se localiza o maior número de casas de interesse, 162 no total. Esta análise foi realizada a partir da observação in loco, percorrendo a pé as ruas onde se localizam as casas identificadas como bens de interesse. Nesses percursos, observam-se, a ocorrência de barreiras e limites visuais e analisa-se a paisagem a partir dos usos, das alturas, das tipologias edilícias, da presença de vegetação e da dinâmica das ruas; demarcando a ocorrência de “conjuntos” e de “bens isolados” e caracterizando o “intervalo espacial” entre eles. (Mapa 4). A leitura contribuiu também para a avaliação do estado de preservação, bem como no preenchimento das fichas de inventário M1, relativa ao contexto histórico e morfológicos dos bairros, ao servir como recurso para compreensão da evolução urbana destas áreas.



Ilustração 13 – Linguagens e Manchas de Adensamento: Residências Modernas em Goiânia, março de 2016. Autor: Wilson Lopes.

Fonte: LAU/FAV/UFMG; IPHAN/GO.

A análise da paisagem foi iniciada no Setor Central, pois é onde se localiza o maior número de casas de interesse, 162 no total. Esta análise foi realizada a partir da observação in loco, percorrendo a pé as ruas onde se localizam as casas identificadas como bens de interesse. Nesses percursos, observam-se, a ocorrência de barreiras e limites visuais e analisa-se a paisagem a partir dos usos, das alturas, das tipologias edilícias, da presença de vegetação e da dinâmica das ruas; demarcando a ocorrência de “conjuntos” e de “bens isolados” e caracterizando o “intervalo espacial” entre eles. (Mapa 4). A leitura contribuiu também para a avaliação do estado de preservação, bem como no preenchimento das fichas de inventário M1, relativa ao contexto histórico e morfológicos dos bairros, ao servir como recurso para compreensão da evolução urbana destas áreas.



Ilustração 14 – Conjunto de Casas Rua 55, Setor Central, setembro de 2016.

Autor: Equipe de Pesquisa.

Fonte: LAU/FAV/UFG; IPHAN/GO.

A paisagem do núcleo pioneiro de Goiânia, originalmente unitária e homogênea na relação dos edifícios com o lote e no parcelamento, hoje caracteriza-se por áreas justapostas e um entorno imediato fragmentado, no qual perde-se a leitura desta paisagem original. Essa situação agrava-se a cada dia, com a demolição de casas para a construção de edifícios ligados a usos não residências, de vazios e de elementos que rompem com a escala local. Preservar os conjuntos, mais que os bens isolados, torna-se tarefa urgente.

O ponto chave da análise foi avaliar a ambiência dos trechos onde se localizam bens de interesse, levando em consideração alguns aspectos, classificados como: marcos (elementos de referência na paisagem); limites (vias que demarcam o trecho da análise); as barreiras (elementos ou edificações que impedem ou prejudicam a visualização do conjunto); indicadores de transformação (elementos que causam ou são provenientes de alterações na ambiência) e vegetação. Após esta leitura da área foram identificados três tipos de ambiências: Doméstica, Variada e Transição.

A ambiência “Doméstica” caracteriza-se por ambientes cujos aspectos materiais da paisagem e em alguns casos, aspectos subjetivos e sensoriais, remetem à da



época da implantação das residências estudadas. São aspectos que caracterizam esta condição: a presença de arborização urbana e jardins frontais nos recuos; escala predominante doméstica, com edificações de baixo gabarito; permeabilidade visual entre as casas e as ruas; movimento de moradores na via e número razoável de edificações com uso residencial unifamiliar.

Já a ambiência “Variada” apresenta usos consolidados que não os residenciais e tem como características: presença de uma tipologia predominantemente comercial, institucional ou serviços; arborização e vegetação insipiente; pouca permeabilidade visual para as edificações a partir das áreas públicas e a presença barreiras visuais.

A ambiência “em Transição” caracteriza-se por apresentar claros sinais de mudanças em andamento, mas de caráter não definido, a exemplo: ruas com número considerável de fatores de transformação, tanto nas edificações, no parcelamento do solo e nos usos, quanto na área urbana e pouco volume de vegetação, seja nos recuos como nas vias públicas. Com a análise da paisagem e da ambiência, só no Setor Central, foi possível identificar 18 conjuntos e 97 bens isolados.

### **Limites e Desafios, um Novo Olhar para com o Patrimônio Material**

Trata-se de um projeto em andamento, em cuja primeira avaliação identifica-se como bastante complexo, em virtude da própria variedade que apresenta esse patrimônio. Cidade Nova –nascida a partir de um plano–, que se desenvolveu muito rapidamente, num momento em que a ciência do urbanismo no Brasil consolidava-se a partir de planos diretores e projetos urbanos, ela não teve a oportunidade de consolidar-se como patrimônio edificado no âmago da sociedade. Seu patrimônio, ainda recente, não consegue manter laços de afetividade suficientes, que possam garantir sua permanência enquanto memória coletiva.

Os fatores mais evidentes, identificados até o momento, são o crescente abandono e destruição desse patrimônio, em função da falta de informação e de incentivo para a sua preservação, e a existência de particularidades e especificidades em cada bairro ou região da cidade, que devem ser consideradas na sua leitura. Por outro lado, o desenvolvimento rápido e muitas vezes descontrolado da cidade, está transformando as áreas urbanas e a sua paisagem, provocando o fenômeno da fragmentação e deterioração do patrimônio edificado e urbano, com profundo impacto nos valores da comunidade. A leitura desse patrimônio e de dinâmica da cidade, nos mostra que não podemos trabalhar sobre modelos, mas com referências que nos permitam construir, sob medida, estratégias que possam garantir sua vitalidade.

Hoje bastante heterogênea, sua paisagem é contemporânea com vestígios de história, que deve ser avaliada e valorada, a partir de sua heterogeneidade. Esta é a paisagem da cidade moderna em sua essência. Fruto da modernidade, Goiânia comporta-se como tal.

Na pesquisa fica claro o desafio primeiro de apreender a diversidade do patrimônio local não homogêneo, residindo nesse aspecto diversificado a principal característica. Este é, ao mesmo tempo, um dificultador na atuação das políticas públicas, assim como no reconhecimento sobre o que é importante ou não. Ao longo da pesquisa, a construção do entendimento das linguagens foi se construindo e se consolidando, através do apuramento do olhar para o nunca visto, o modesto, o não classificado e o fragmentário.

O segundo desafio é desvencilhar esses remanescentes das descaracterizações, modificações e interferências, frutos da própria dinâmica das cidades-novas, e reinterpretá-las em suas relações com os demais fragmentos urbanos. A leitura das ambiências indica uma metodologia de entendimento sobre qual é a atmosfera urbana histórica de Goiânia, considerando o importante papel das residências no preenchimento dos interstícios do traçado projetado e que confere uma escala doméstica, apesar de atrelada a um traçado que aspira monumentalidade.

O terceiro passo, a qual a pesquisa visa dar subsídios, é em como preservá-lo, já que o heterogêneo e o ciclo rápido de transformações – que já imprimiram marcas – também são partes do processo histórico de formação do próprio núcleo urbano. As diferenças entre linguagens e entre as características morfológicas dos Setores (tais como o Central e o Sul) tornam complexas as medidas de preservação. Ao mesmo tempo, as particularidades de Goiânia, enriquecem o debate sobre como e o que preservar, pois distanciam as cidades-novas dos núcleos urbanos tradicionalmente protegidos pelas políticas públicas, nos quais é priorizada a identificação de elementos que unificam as paisagens urbanas e não de suas diferenças.

Os desafios em lidar com esse patrimônio passa essencialmente pelo trabalho interdisciplinar e interinstitucional, pelo contato com os moradores e pela educação patrimonial. Passa por entender o território da cidade enquanto documento vivo, fruto do diálogo e da construção coletiva; passa pela interação entre o pesquisador e os atores periféricos, seus moradores, e pelo trânsito entre o patrimônio material e o patrimônio imaterial. Mobilizar a cidade para este território, seus lugares e sua problemática, passa a ser fundamental nesse caso. Goiânia tem o papel de ser a cidade que sinaliza, que dá uma orientação para outras Cidades Novas, construídas no Brasil a partir da década de 1930-60, que não sabem como caminhar, como planejar seu futuro, como ressignificar-se enquanto patrimônio moderno.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Camilo Vladimir Lima. Planos de Goiânia: a construção da cidade moderna na perspectiva urbanística. In: CAIXETA, Eline Maria Mora P.; ROMEIRO, Bráulio (Org.) *Interlocuções na arquitetura moderna no Brasil: o caso de Goiânia e de outras*

modernidades. Goiânia: Editora UFG, 2015. v.1.

FROTA, José Artur; CAIXETA, Eline Maria M. P. Um urbanismo pendular. Goiânia: entre a monumentalidade do urbanismo acadêmico francês e a escala doméstica da tradição da Cidade Jardim. In: XII Seminário de História Cultural Urbana: A circulação de ideias na construção da cidade: uma via de mão dupla. Porto Alegre: PROPUR/UFRGS, 2012.

GRAEFF, Edgar Albuquerque. Goiânia: 50 anos. Brasília: MEC/SESU, 1985.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís A. Formas e tempos da cidade. Goiânia: Cãnone Editorial/Ed. UCG, 2007.

TREVISAN, Ricardo. Cidades Novas. 2009. 338f. Tese doutoramento apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Distrito Federal, 2009. Disponível em: <<http://pct.capes.gov.br/teses/2009/53001010042P8/TES.PDF>> Acesso em: julho, 2016

UNESCO. Recomendações sobre a Paisagem Histórica Urbana. 2011. Disponível em: < [http://psamlisboa.pt/wp-content/uploads/2014/03/UNESCO\\_RECOMENDACAO.pdf](http://psamlisboa.pt/wp-content/uploads/2014/03/UNESCO_RECOMENDACAO.pdf)> Acesso em: julho de 2016.

VAZ, Maria Diva Araújo Coelho. Percorrendo a História do Centro. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza (Org.) A Cidade e seus Lugares. Goiânia: Editora Vieira, 2007.

Agradecimentos:

Apoio financeiro para a realização da pesquisa: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE GOIÁS.

Artigo publicado originalmente em Actas del Primer Congreso Iberoamericano de Historia Urbana. Ciudades en el Tiempo: Infraestructuras, Territorios, Patrimonio. Santiago do Chile: Asociación Iberoamericana de Historia Urbana, 2016. p.980 – 989.

*Recebido em: 18/09/2019*

*Aprovado em: 08/10/2018*

*Publicado em: 16/12/2019*